

## EDIÇÃO TEMÁTICA LIVRE, UMA GRANDE BABEL DA PESQUISA LITERÁRIA

Segundo o texto bíblico, em toda a terra existia uma só língua, então, alguns homens, criaturas do Deus único e poderoso, construíram uma torre muito alta, com o objetivo de alcançar os céus, morada do ser divino. A essa torre, Deus chamou Babel e, vendo-a tão alta, feita por homens que falavam a mesma língua, ou seja, que conseguiam comunicar-se facilmente, ele percebeu que suas criaturas poderiam, em um futuro não tão distante, fazer o que quisessem. Para evitar isso, Deus, então, decidiu confundir as línguas de todos os homens naquele espaço e, em seguida, os dispersou pela terra<sup>2</sup>.

A Torre de Babel é vista por muitos como o mito de origem das línguas e dos povos, ela representa o “mito da comunicação perfeita: um tempo e um espaço caracterizados pela ambição de um poder assente na uniformidade de linguagem, dos signos e das representações, quer dizer, na singularidade da cultura”<sup>3</sup>. A Torre, nesse sentido, seria o espaço onde homens e línguas diversos e distintos relacionavam-se entre si.

Considerando todo o poder que a comunicação poderia dar aos homens, Deus agiu. E agiu com o intuito claro de evitar essa uniformidade, essa união, essa harmonia entre os indivíduos que habitavam a terra, pois eles teriam em suas mãos possibilidades impensáveis de poder, agiu castigando e condenando os homens. No entanto, o castigo pela ambição humana não foi a destruição, mas a imposição aos homens de “falar línguas diferentes, a de atribuir a cada um diferentes códigos de comunicação. A mútua incapacidade de decodificação dos signos e de cada um partilhar o ‘mundo intersubjectivo’ da sua realidade confundiu-os e por isso partiram para diversos lugares”<sup>4</sup>, ou seja, o homem foi condenado à separação. Portanto, foi a partir da intervenção de Deus que surgiram as mais variadas falas e os mais variados povos em toda a terra.

A *Revista Entrelaces*, em sua edição atual, de **Temática Livre**, traz variados temas, escritos por pesquisadores de diversos lugares, com visões, perspectivas e abordagens variadas sobre a literatura. Em uma livre analogia, podemos perceber esta

---

<sup>2</sup> BÍBLIA. Genesis in: **Bíblia Sagrada Católica**. Capítulo 11, v. 1-9, p. 10. Edição D, s/d.

<sup>3</sup> VILAÇA, Helena Carlota Ribeiro. **Da Torre de Babel às terras prometidas – estratégias sociológicas para o estudo do pluralismo religioso na sociedade portuguesa**. 2003. 488f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Letras da Universidade de Porto, Porto, 2003, p. 381.

<sup>4</sup> VILAÇA, Helena Carlota Ribeiro. **Da Torre de Babel às terras prometidas – estratégias sociológicas para o estudo do pluralismo religioso na sociedade portuguesa**. 2003. 488f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Letras da Universidade de Porto, Porto, 2003, p. 381.

edição como uma grande Babel da pesquisa literária, em que se busca a unidade na diferença. Na edição Nº 21, v. 9 deste periódico, temos o prazer de apresentar pesquisas diversas sobre os mais variados temas acerca da literatura brasileira e estrangeira, porém, acreditamos que a nossa Babel, diferentemente da bíblica, não é digna de condenação por parte dos deuses da Literatura, pois nosso grande intuito é a divulgação desses deuses em forma de artigos, ensaios, escritos artísticos. Nosso maior objetivo é a comunhão das diversas formas de abordar a literatura e torná-las acessíveis e compartilhá-las ao máximo.

Seguindo esse objetivo de união e compartilhamento dos estudos em literatura, a SEÇÃO ARTIGO, desta edição da *Revista Entrelaces*, abre com o texto “Identidades traduzidas: abordagens éticas na tradução de *El Emante Bilingüe*”, de autoria de Carolina Dutra Carrijo (USP). A pesquisadora aponta questões éticas relativas à tradução *El amante bilíngüe*, de Juan Marsé (1990), uma narrativa migrante, plurilíngue e polifônica, que trabalha questões históricas, culturais e linguísticas significativas entre Espanha e Catalunha, a partir de um processo de dissolução identitária da personagem atrelado questões linguísticas igualmente significativas, como a presença constante de dois idiomas – castelhano e catalão – e de um dialeto literário. Para Carolina Dutra Carrijo, o tradutor, ao lidar com essas várias questões, precisa traçar estratégias de tradução que possam contemplar os recursos linguísticos empregados pelo autor da obra em estudo. Esse estudo é bastante interessante por nos oferecer reflexões que nos levem a pensar questões éticas relativas a atuação do tradutor.

Claudimar Pereira da Silva (UNESP) contempla esta edição da revista com o artigo “A punição simbólica: representações das masculinidades no conto *Diga às mulheres que a gente já vai*, de Raymond Carver”, no qual entendemos um pouco mais sobre as representações masculinas no conto em análise, que narra a história de dois rapazes que, durante um passeio, após realizarem atividades socialmente tidas como masculinas, envolvem-se no abuso de uma jovem. Em seu estudo, partindo de preceitos e conceituações desenvolvidos por estudiosos como Eve Kosofsky Sedgwick, Michael Kimmel, Raewyn Connell e Judith Butler, Claudimar percebe como um dos aspectos mais representativos da masculinidade, a violência, contribui para a perpetuação e hegemonia dessa mesma masculinidade, a qual, simbolicamente, condena e pune o gênero feminino. As reflexões desenvolvidas pelo autor desse artigo são bastante atuais e merecem destaque em nossa sociedade, que ainda sofre com a imposição de uma masculinidade tóxica.

André Souza da Silva é autor do artigo “Os pesados restos coloniais no *Caderno de memórias coloniais*, de Isabela Figueiredo”, no qual ele reflete sobre o projeto imperialista português, repensando aquilo que o autor chama de “velhos lugares da cultura portuguesa” a partir da leitura e análise da obra *Caderno de memórias coloniais* (2009), de Isabela Figueiredo. Para André, o livro de Figueiredo rediscute o colonialismo ao mesmo tempo em que traça um histórico dessa prática por parte do povo lusitano, refletindo, especialmente, como esse mesmo povo continua, na contemporaneidade, fazendo uso do conteúdo histórico em sua produção literária, sendo a história um dos seus tópicos basilares. É um texto bastante interessante, na medida em que traz à luz um assunto ainda bastante atual, o imperialismo e o domínio das nações, refletindo-o a partir do texto literário.

Outro texto que a leitura envolve e prende o leitor é “A posição do narrador no romance *Ao farol*, de Virgínia Woolf”, de Adriane Cherpinski, Evely Vânia Libanori e Adriana Gomes Cardozo de Andrade. As autoras do artigo apresentam um estudo do romance com base no ensaio “A posição do narrador no romance contemporâneo”, escrito pelo filósofo Theodor W. Adorno. Por meio de uma análise minuciosa, compreendemos o papel de um narrador que adentra no íntimo dos personagens para permitir que o leitor conheça os anseios, os conflitos e as emoções destes. Desse modo, o romance de Woolf dispensa o tempo cronológico em detrimento do psicológico. E o gênero romance, que outrora colocava em cena o singular e o realismo objetivo, narra, agora, as vidas de homens e mulheres triviais, focando no subjetivismo.

O artigo “Silenciosa violência em *Não falei*, de Beatriz Bracher”, de Gabriella Kelmer de Menezes Silva e Derivaldo dos Santos, traz um romance com uma temática que deve ser evitada de esquecimento: a ditadura civil-militar. Despertando o interesse do leitor para conhecer essa interessante obra, as articulistas focam em analisar a linguagem do narrador-personagem ao expressar as torturas sofridas anos após os acontecimentos, a insuficiência da memória ao rememorar os fatos e o conhecimento da violência presentificada desde sempre no homem. Ademais, as autoras analisam o silêncio do personagem sob três perspectivas: o silêncio como resistência; o silêncio perante a insuficiência da linguagem; e o silêncio como desconfiança perante a linguagem.

Pâmela Telles e Marinês Andrea Kunz são as autoras do inquietante artigo “A desagregação da personagem e o espaço narrativo em *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos* e *O trabalho sujo dos outros*, de Ana Paula Maia”. As pesquisadoras

analisam as obras mencionadas, focando a situação dos homens e mulheres que estão à margem da sociedade. Por meio de um texto que incita e abisma os leitores, abordam a condição violenta, desumana, submissa e degradante a que tantos estão submetidos de forma banalizada. Ademais, as articulistas remetem ao passado brasileiro mostrando como a realidade dos negros e dos descendentes indígenas ainda hoje permanece injusta e desigual. Para dialogar com os romances de Ana Paula Maia, as articulistas trazem os estudos de Lilia Schwarcz, Marilena Chauí, Jaime Ginzburg, Silviano Santiago, dentre outros importantes nomes.

Anne Caroline de Moraes Santos fez uma profunda imersão no universo do escritor italiano Leonardo Sciascia, ao visitar seu local de nascimento e a fundação que seu nome intitula, rica em documentos pessoais, que possibilitaram-na escrever sobre a relação entre a vida do autor e de suas criações literárias no artigo “O contraponto existencial entre Leonardo Sciascia e suas personagens Candido e Calogero”. O texto aponta para a preocupação de Sciascia com seu povo e a necessidade de divulgar suas angústias, na busca de formar leitores-testemunhas dessa história.

Passando a uma paisagem mais tropical, Lucas de Sousa Serafim e Carolina da Nova Cruze, em “Ruínas tropicais: pervivência da Tropicália no filme de Durval Discos”, investigaram as repercussões do movimento Tropicália no Brasil durante a década de 90 até os dias atuais, a partir do filme *Durval Discos*, de Anna Muylaert, que aborda a transição do disco de vinil para os *compact discs* (CDs), num simbolismo sobre as marcas de um movimento “passado” em uma sociedade que se reinventa constantemente. Serve de embasamento também, o livro de Caetano Veloso sobre a época, *Verdade Tropical*. Teóricos como Celso Favaretto, Ivana Bentes e Raul Antelo vêm enriquecer a análise dos autores sobre a marca que esse movimento deixou na atualidade brasileira.

“O Cão-Tinhoso: ‘é preciso que morra a tribo para que a nasça a nação’ (Mondlane, 1962)” é o artigo de Vércia Conceição, que aborda a questão da colonização pelo ponto de vista de um garoto de Maputo, na narrativa de Luís Bernardo Honwana, “Nós Matamos o Cão-Tinhoso”. Ginho é forçado a sacrificar um cão para mostrar coragem diante dos demais alunos da escola, a Vércia identifica nisso uma mudança de postura diante dos colegas e até da professora, a qual exigia deferência diferenciada dele por ser um nativo. A autora levanta um questionamento sobre a mudança de Ginho em relação a sua situação de colonizado.

Encerrando a seção de artigos da revista, Andressa da Costa Farias e Letícia Laurindo de Bonfim oferecem aos nossos leitores um estudo dedicado a investigar a influência da obra de Oswald de Andrade sobre a poesia concreta de Augusto de Campos. No artigo intitulado “A influência de Oswald de Andrade na poesia concreta/contemporânea de Augusto de Campos”, as pesquisadoras observam que a proposta de inovação estética do escritor modernista, que se colocava no extremo oposto da poesia tradicional, passadista, ao realizar uma produção de vanguarda e, ao mesmo tempo, nacionalista, moderna e extremamente crítica, exercendo, posteriormente, nas décadas de 1950 e 1960, papel importante no processo construtivo da produção de um dos mais representativos escritores da poesia concretista brasileira, Augusto de Campos, que incorporou à sua literatura novas plataformas, mídias e tecnologias.

Esta edição da *Revista Entrelaces* traz, ainda, na SEÇÃO TRADUÇÃO, o texto intitulado “Aeroporto”, uma transposição para a língua portuguesa, empreendida por Priscila Campolina de Sá Campello, Flávia M. da Rocha Fontes, Marise Myrrha de Paula e Silva Neves, e nunca realizada anteriormente, de um trecho da obra *Dinarzad's Children: An Anthology of Contemporary Arab American Fiction*. O texto retrata a realidade de homens e mulheres que vivem no Oriente Médio e nutrem anseios que não se adequam às convenções sociais rígidas do país onde nasceram. Com uma narrativa agradável e envolvente, o trecho traduzido nos permite ampliar nosso olhar e nossa percepção, permitindo-nos conhecer um pouco mais sobre esse povo.

Nossa edição encerra-se com textos literários variados de autoria de Yvisson Gomes dos Santos, Camila Manoela Silva, Gustavo Tanus e Alane Melo, publicados na SEÇÃO CRIAÇÃO, alguns poemas apresentam-nos ideias várias, que vão desde as górgonas mitológicas em “A serpente da Medusa”, a delicadeza da saudade em “Yo”, até o cotidiano e os dilemas sociais em “Fogos-fátuos” e “A cidade”. Encerrando essa seção, um conto mais intimista sobre a visita de uma neta ao asilo onde mora sua avó, transporta-nos a uma pequena catarse, dividida com a própria personagem, ao deixar para trás o ambiente opressor.

Como se percebe, os textos que formam a edição Nº 21, v. 9 da *Revista Entrelaces* entregam reflexões importantes para a Literatura, seja de forma mais analítica, seja de forma ficcional. O que se evidencia é a expressiva variação das linhas de pesquisa contidas nos artigos, que têm em comum a necessidade de continuar investigando e trazendo ao público o resultado dessas observações a fim de que elas prossigam a cada novo olhar.

Tal qual se apontou no início deste texto, formam uma grande Torre de Babel, no sentido da diversidade de caminhos esboçados, mas vai além, pois as diferentes áreas se comunicam na precisão de cada indagação aqui contida, as quais fomentam novas inquições. E assim se comunicam os pesquisadores da Babel acadêmica apresentada no atual número deste periódico. Esperamos que a leitura seja engrandecedora e instigante aos experientes e aos iniciantes no processo de investigação literária, que sempre nos move mais adiante a cada novo véu que se descortina.

**Arlene Fernandes Vasconcelos  
Dariana Paula Silva Gadelha  
Sandra Mara Alves da Silva  
Organizadoras**